

CORREIO NO MUNDO

Voice of America, Domínio Público via Wikimedia Commons



Líder da oposição de Taiwan terá reunião em Pequim

Cheng Li-wun confirma data de reunião com Xi Jinping

A líder do Kuomintang (KMT), principal partido de oposição de Taiwan, Cheng Li-wun, viajará à China de 7 a 12 de abril a convite de Xi Jinping. Cheng assumiu o cargo em novembro e, desde então, insistiu em se reunir com o líder chinês antes de fazer uma visita oficial aos EUA. Isso lhe rendeu críticas até mesmo no seu partido por ser considerado excessivamente pró-China.

Ela disse querer “provar ao povo de Taiwan e ao mundo que o conflito entre os dois lados do Estreito não é inevitável”. Também destacou que a visita seria baseada no chamado Consenso de 1992 (popularmente conhecido como o acordo que deu origem à Política de Uma Só China) e na oposição à independência formal de Taiwan.

Primeira visita em uma década

Será a primeira visita de um presidente em exercício do KMT à China continental desde 2016, quando a então líder do partido Hung Hsiu-chu se reuniu com Xi em Pequim. A delegação passará por Jiangsu, Xangai e Pequim. A viagem foi anunciada no mesmo dia em que quatro senadores norte-americanos chegaram a Taiwan para tratar de segurança e vendas de armas. A ilha é um assunto prioritário da cúpula com Trump, marcada para 14 e 15 de maio em Pequim.

Wilson Dias/Agência Brasil



Xi Jinping participará de uma série de reuniões em 2026

Bloqueio de orçamento especial

O KMT e o Partido do Povo de Taiwan (TPP) usaram sua maioria legislativa para bloquear o orçamento especial de defesa de NT\$ 1,25 trilhão (R\$ 205 bilhões) aprovado pelo governo do presidente William Lai. O impasse levou um grupo bipartidário de 37 congressistas norte-americanos a enviar uma carta ao presidente da Câmara Legislativa e aos líderes do KMT e do TPP demonstrando preocupação com a paralisação no orçamento de defesa. Mas nem tudo é fanfarra. A imprensa local têm reportado que líderes partidários do KMT enxergam um encontro entre Cheng e Xi com reservas.

Temor pela reação dos eleitores

Os líderes partidários temem a reação negativa dos eleitores nas eleições distritais previstas para o fim deste ano. O partido ocupa 60 das 113 cadeiras do Legislativo, ao lado do TPP, contra 51 do DPP que é quem governa a ilha. Pequim usa a visita do KMT para projetar uma narrativa de alternância política em Taiwan, sinalizando que existe uma via menos conflituosa do que a do governo Lai. **Por Igor Patrick (Folhapress)**

Terrorista

Após sofrer pressão do governo de Donald Trump, que intimou apoio de países aliados contra o Irã, o governo da Argentina reconheceu a Guarda Revolucionária do Irã como organização terrorista, segundo informou o gabinete do presidente Javier Milei em comunicado no fim da última terça-feira (31/03).

Cidadania em pauta

A Suprema Corte dos EUA começou a analisar, na quarta (1º), o decreto assinado por Donald Trump que visa negar cidadania para filhos de imigrantes irregulares ou com visto temporário —mesmo que nascidos em solo americano. A mudança foi assinada por Trump no dia que ele retornou ao poder, em 20 de janeiro de 2025.

Trump presente

O decreto foi uma promessa de campanha eleitoral, que teve como mote principal políticas anti-imigração. O republicano assiste pessoalmente à audiência na Suprema Corte. Segundo a agência Reuters, esta é a primeira vez que um chefe do Executivo no cargo está presente no tribunal para assistir às sustentações orais.

Prós e contras

Na Suprema Corte, Trump tem a seu favor o órgão ser de maioria conservadora. Porém, a decisão começa a ser debatida após o presidente passar pelo maior revés desde o início do mandato: no fim de fevereiro, foram derrubadas as chamadas “tarifas recíprocas” de 10% ou mais aplicadas por ele a todos os países desde abril de 2025. O tribunal considerou-as ilegais.

Preocupação

Ao demonstrar irritação com os juízes que foram contra a aplicação da Lei de Poderes Econômicos de Emergência Internacional, o presidente também expressou preocupação com a possibilidade de a Suprema Corte decidir contra a tentativa do governo de restringir a cidadania por direito de nascimento na sua decisão sobre o caso.

Discussão ampla

A discussão da cidadania que é colocada em xeque pelo governo Trump, se baseia na premissa de que “ser americano” é mais do que nascer no território nacional. A medida foi declarada inconstitucional e, em fevereiro, um juiz federal suspendeu os efeitos do decreto.

Por Isabella Menon (Folhapress)

População libanesa vive crise humanitária por ataques de Israel

Israel causa catástrofe humanitária no Líbano

Israel causa deslocamento forçado de 20% da população do Líbano

Patrícia Campos Mello (Folhapress)

Imagine se 42 milhões de brasileiros, o equivalente à população de quatro cidades de São Paulo, fossem forçados a fugir de suas casas e tivessem que viver em abrigos, barracas na rua, casas de parentes e dentro de carros, tudo isso no período de menos de um mês? Foi o que aconteceu no Líbano, onde 20% da população foi obrigada a fugir desde que Israel começou a bombardear o país no início de março. E essa migração forçada em massa está ocorrendo em um país com um território 810 vezes menor que o Brasil e densidade populacional 25 vezes maior.

As forças israelenses passaram a bombardear massivamente o Líbano depois que o Hezbollah, milícia aliada do Irã, começou a lançar foguetes no norte de Israel, em reação à guerra americana e israelense contra o regime iraniano.

Grande parte dos mais de 1 milhão de deslocados fugiu do sul do Líbano, maior alvo dos bombardeios israelenses, e foi se refugiar em Beirute, ainda que a capacidade dos abrigos oficiais da cidade seja de apenas 130 mil pessoas. A capital do Líbano transformou-se em uma cidade de trânsito ainda mais caótico, com quedas de energia e problemas de abastecimento.

Pior —nem em Beirute esses refugiados estão seguros. Israel está bombardeando majoritariamente o sul da cidade, onde se concentram o grupo Hezbollah e a população xiita. Os ataques, no entanto, se es-

palham por toda a metrópole. Duas semanas atrás, um bombardeio israelense matou oito deslocados que se abrigavam em barracas na região da orla de Ramlet al-Baida.

“O Líbano está diante de uma catástrofe humanitária”, alertou o Acnur, a agência da ONU para refugiados, na sexta-feira (27).

Para as centenas de milhares de libaneses que tiveram suas casas no sul do Líbano bombardeadas, seus parentes mortos ou simplesmente obedeceram a ordens de evacuação de Israel, não há perspectiva de volta a uma vida normal no curto prazo.

O ministro da Defesa de Israel, Israel Katz, afirmou que pretende manter a ocupação militar no sul do país para ter uma “zona de amortecimento” e defesa —e disse que os libaneses não poderão voltar até que os israelenses estejam seguros. Um dia antes, o ministro das Finanças israelense, o extremista Bezalel Smotrich, afirmou que Israel deveria exercer “soberania” sobre áreas no sul do Líbano, sinalizando uma ocupação de longo prazo.

Forças israelenses bombardearam pontes sobre o rio Litani, no sul do Líbano, o que impossibilita a volta dos deslocados no curto prazo e dificulta o acesso a ajuda humanitária para aqueles que não quiseram ou não puderam deixar suas casas. Para além dos 1.260 mortos e 3.750 feridos nos ataques israelenses, há ainda uma crise de saúde mental.

Muitos dos deslocados atendidos pelos Médicos Sem Fronteiras estão com ansiedade e depressão.